

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Rua das Figueiras

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO  
de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis  
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de  
abatimento

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre . . . . .	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre . . . . .	600 »
Brazil, semestre . . . . .	700 »
Avulso . . . . .	20 »

## "A Dictadura,"

Os que mandam em Portugal persuadem-se de que o paiz é d'eles, lhes pertence, é sua cousa pessoal e propria; não reconhecem nos seus concidadãos direitos intrinsecos; presupoem que as garantias alheias são favores que eles podem, como melhor entendam, conceder ou negar. Assim, era trivial ouvir dizer, para justificar a dictadura, que o João Franco *déra* ao principio todas as liberdades; mas que vendo que assim o não deixavam fazer o que elle pretendia fazer, se vira obrigado a tiral-as depois.

E este desaforo proclamava-se com a maxima das tranquilidades, como se tal despropósito fosse couza curial e corrente!

De modo que a minha liberdade não era minha, era do Franco. Elle podia *dar-m'* a hoje e *tirar-m'* a amanhã como melhormente entendesse. E os direitos da nação dependiam da ficidez ou inconstancia dos caprichos de um individuo!

Assim foi, mizerrimamente. Para nossa eterna vergonha, para luto eterno da patria, assim foi até o dia 1 de fevereiro. Até o dia 1 de fevereiro os cidadãos portuguezes foram a victima da mais odiosa e da mais boçal das tiranias.

Era admissivel que a possibilidade, sequer, da reprodução de situação tal, podesse sêr legitimamente concebida? Todavia, nada mais lojico, porque as condições constitucionaes não se melhoraram e os portuguezes continuam sem garantias.

Urjia que isto cessasse. Falara-se por ahí com abundancia em vida nova, desta vez a valer e a sério. Demonstrasse-se, por meio de actos valiozos, que esse falatorio não o era de palavras vans.

No ministerio que se seguiu á aventura franquista estavam representantes de quaze todos os grupos monarchicos portuguezes; estavam ainda monarchicos que a grupos ou partidos não pertenciam.

Pois bem! Que aproveitassem o tempo que mediava para a abertura do parlamento na preparação de medidas que, a nós outros, cidadãos portuguezes, nos dessem garantias e nos defendessem de futuros assaltos como o do franquismo. Que fossem esses os primeiros projectos

de lei que apresentassem ás côrtes.

Bastaria que o atentado franquista ficasse impune. Seria demais que permanecessem as condições necessarias e suficientes para que ele, com esse ou outro nome, pouco importa, se repetisse e reproduzisse.

Mas, verdade verdade, quem acreditava que o governo tal fizesse? A incapacidade para o fazer, eis o que julgou em ultima instancia o rejime.

Havia, ha só uma palavra: — Republica!

Nada, com efeito, o novo governo, de acalmação denominado, nada, nada fez. As condições constitucionaes não se melhoraram. O governo caiu alfim, quase um ano integro volvido sobre a catastrophe, sem n'elas pôr mão para as modificar. E os portuguezes continuaram, continuam sem garantias.

E' que decididamente, havia então, ha hoje só uma palavra: — Republica!

Hesita ainda, apesar de tudo, uma parte da nossa população letrada. E, inquieta, pergunta a si-mesmo o que seria, se em Portugal se implantasse a Republica.

Ha pouco mo perguntaram, para que em publico á pergunta respondesse.

Respondi, começando por advertir que o pedido que me era feito me recordára certo incidente da historia anedotica, literaria e politica, nossa contemporanea.

Com efeito, quando aqui ha anos exerceu o seu efeito sobre a poesia portugueza o simbolismo francez, uma das composições que apareceram e mais impressão cauzaram tinha o titulo fenebre *Quando a morte vier*, e dizia os filosoficos desenganos das vaidades mundanaes que no pó das sepulturas liquidam.

Logo nas colunas literarias de uma folha politica lisbonense se leu uma parodia a essa peça de versos, e esta parodia por titulo tinha: *Quando a Republica vier*, e dizia o descalabro dos egoismos devoristas, que na egualdade democratica finalizam e concluem.

Havia um ritornelo tipico. Era este:

*Quando a Republica vier,  
iréis cavar pés de burro;  
iréis cavar pés de burro,  
quando a Republica vier.*

E não teriam direito de queixumes aquelles que fossem dis-

pensados por haverem gozado té li do favoritismo que vive parasitariamente, do trabalho nacional. Pois que só esses é que receio possam nutrir de que os prejudique o advento da Republica. Visto como a Republica não é o governo de um partido nem o monopolio de tal ou tal casta de jente. A Republica é, pelo contrario, o governo de todos, por todos e para todos.

A causa da Republica compreende todo o paiz e, no fim e ao cabo, a Republica é a Nação.

Se, pois, a Republica se implantasse em Portugal, o povo portuguez adquiriria a consciencia da soberania e ganharia as virtudes politicas que fundamentam a dignidade civica. Ele tomar-se-hia a serio. Respeitarse-hia, e o verdadeiro patriotismo faria pulsar os corações. Se a Republica se implantasse em Portugal, o povo portuguez viria novamente a contar na historia do mundo, onde hoje, quando não é desprezado, passa despercebido.

Se a Republica se implantasse em Portugal, Portugal deixaria de sêr aquele «sitio onde cinco milhões de egoismos se exploram reciprocamente e se aborrecem em comum» consoante da definição de Eça de Queiroz.

Portugal, porque reaparecesse um vinculo coletivo, voltaria a sêr uma Patria.

E essa Patria novamente se integraria na Civilização. Consequentemente, hontem como hoje, hoje como hontem, ainda e sempre uma só palavra havia, uma só palavra ha: — Republica!

Bruno.

## As contribuições e o Estado

Agora que os cofres publicos devem estar abarrotados com as iniquas e tressuadas contribuições geraes do Estado, se as harpias do thesouro ainda lhe não deram sumiço, não virá fóra de propósito explicar ao povo, que as tira ás suas estrictas necessidades, o rumo, que ellas costumam tomar.

Evidentemente não queremos negar a necessidade das contribuições e muito menos insinuar que a mudança do regimen as venha a dispensar. Enquanto existir o Estado-protector e nos reger o direito individualista, ha-de haver um corpo executivo, que recolha os impostos para os converter em beneficios collectivos, distribuindo os equitativamente em harmonia com as necessidades do

povo. D'este modo o contribuinte receberá em beneficios o que ce-deu em dinheiro, vindo afinal a trabalhar para si proprio. Para que isto succeda é preciso, porén, que as contribuições assentem em bases justas e racionaes e que da sua distribuição não resulte a iniquidade, o que é profundamente odioso.

Toda a gente sabe que o nosso systema tributario é defeituosissimo, e que ainda assim se torce a favor dos que mais regaladamente vivem. Os grandes proprietarios, os grandes industriaes e o alto commercio encontram sempre o meio de defraudar o thesouro. A réle tributaria pesca ao inverso das outras, pois deixa escapar o peixe grado, colhendo o meúdo; e da mesma maneira tudo o que representa favoritismo, que se exerce por intermedio do Estado ou dos *caciques* em beneficio dos mais abastados. O proprio imposto de sangue, porventura o mais pesado, não escapa á flagrante injustiça. Os filhos dos ricos não vão para soldados, nem mesmo quando a *empenhoca* lhes não pôde valer, porque a *remissão* é mais um apanágio, que o seu dinheiro facilmente compra. Não é, porén, das contribuições em si, que eu de desejo tractar, mas do modo como ellas, bem ou mal lançadas, justa ou injustamente recolhidas, serão utilizadas.

\* \* \*

Os parcos cabadaes, que o lavrador arranca da gleba, que regou com o azêdo suor do seu excessivo esforço e o intrepido pescador vae buscar ao fundo do mar com o risco da propria vida, que muitas vezes vê prestes a ser tragada pelas fauces escancaradas do encapellado monstro marinho e quantas outras a não deixa no fundo do abysmo, vão porventura ser aproveitados em semear escolas por essas aldeias para illuminar a intelligencia, que cultive a terra com mais proveito e menos fadiga, em abrir estradas ou caminhos vicinaes, que facilitem as communicações, ou em crear escolas technicas, que habilitem a pescar com menor risco e mais certeza, em distribuir ao longe da costa aparelhos ou barcos protectores?!

Os magros vintens, que o operario rouba ás exigencias physiologicas, deixando os filhos sem pão nem instrucção, vão ser applicados na protecção á industria, para que o industrial, vendo remunerado o seu trabalho, possa exontanea ou constrangidamente augmentar o salario e diminuir as horas de trabalho?!

As economias, que o commerciante bate a todos os instantes na táboa do seu balcão e o caixeiro junta á custa de um trabalho, que se não compadece com o pleno desenvolvimento physico, intellectual e moral, entram nas recebedorias para o provimento do bem publico? Não, infelizmente não. A lavoura definha, não produzindo para o consumo interno, quando as condições geologicas e climaticas indicam que deviamos exportar. O vinho, que

produzimos em excesso, jaz sem compradores nas adegas. As classes piscatorias estoiram de fome e ignorancia, pagando o enorme imposto de pescado. A industria é rudimentar e o commercio lucha com difficuldades; as fallencias succedem-se. Pari passu as administrações publicas tem sido uma serie de extorsões, prodigalidades e sinecuras. As sommas arrecadadas, ha boas dezenas de annos, têm levado sumiço para fins infessaveis. Conhece-se uma parte dos *adeantamentos*; resta descobrir a *outra*. A divida consolidada é uma das maiores da Europa e estão-lhe hypothecadas as principaes receitas; a divida fluctuante cresce assustadoramente, e o deficit orçamentario é cancro, que os governos não querem ou não conseguem extirpar!

\* \* \*

E as sommas, arrancadas, ha boas dezenas de annos, ao sacrificio de cada um, nada ou quasi nada produziram de util para o paiz. Com effeito a rede ferroviaria é incompletissima; as estradas poucas e em pessimo estado; a instrucção popular deficiente e má, dando uma grande maioria de analfabetos; a instrucção secundaria e superior sem gabinetes nem tirocinio; a instrucção technica quasi nulla.

O orçamento do ministerio do reino vae-se com a dotação da policia e guarda municipal, que só serve para sustentaculo do regimen, que se confessa assim divorciado da nação; gasta-se ainda na montagem da *machina eleitoral* e na sacedade do mais desenfreado nepotismo.

O ministerio da guerra consome por anno, ou tem fama de consumir, a bagatella de sete a oito mil contos e todo o mundo conhece a nossa infima situação perante a necessidade de uma defesa das fronteiras! A marinha encobre tambem uns milhares de contos para termos a consolação de possuir os *archanjos* e o *pimpão*!

Das repartições do ministerio das obras publicas se diz que são a caverna de Caco; estão pejadas de empregados desnecessarios. As magras dotações districtaes são apanhadas para concelhos, que tenham lampada acceza na Mesa da situação. No districto de Aveiro, em qualquer situação, quem apanha a sorte grande são Anadia, Agueda e Castello de Paiva. Se de qualquer rincão desfavorecido se pedirem umas dezenas de mil réis para concerto de uma estrada, responde-se que não ha verba talvez no mesmo momento em que se ordenam *adeantamentos* ás dezenas de contos.

N'estas condições será justo que o povo continue a ser sobrecarregado com impostos? e não podendo eximir-se ao pagamento e querendo o engrandecimento da Patria, não deverá extinguir o mal? e como? por meios brandos, conservadores? As experiencias repetem-se, as promessas de regeneração fazem-se, e o recrudescimento da molestia apparece sem-

pre. Sendo assim, só uma operação radical conseguirá debellar a crise. O mal é do systema; são inúteis os palliativos.

Palliar mais será correr o risco de vêr afundar o paiz de envolta com as instituições.

A. D. P.

## ECOS DA SEMANA

### Os regeneradores

Já não ha duvidas de que se cindiu em dois o, ainda ás vezes chamado, «glorioso partido de Fontes». Julio de Vilhena e Campos Henriques, compadres ainda ha pouco, separa-os agora o fosso... das respectivas ambições.

Assim ficou estabelecido na grande reunião regeneradora do dia 2 do corrente, guerra sem treguas ao actual governo e attitude erecta perante o paço—todo um plano energico e firme que dará imenso que fazer aos cronistas do jornalismo, e provavelmente... ficará nisso. E' o costume, e do porta bandeira de Ferreira do Alentejo é já o cestro sabido. Concorrida, contudo, foi a reunião regeneradora; e falou-se lá, razoavelmente.

Houve o chá e bolos de um peritense programa (assim Julio de Vilhena chamou a meia duzia de frases vagas onde sobressahia a imprecisão e inconsistencia) fez-se a apolloja dos grandes homens que tem sido os marechaes feis á egrejinha, e, um ou outro, saudozamente lamuriou o lembrête dos ex-grandes regeneradores W. C. Acuzou-se o governo de incompetente e inapto (ainda ha pouco Campos Henriques, nos mesmos labios, era um verdadeiro e admiravel talento...) e prometeu-se exjir contas severas e lizas da *trampa de los antecipos*. Os sempre adorados adeptamentos castigados inflexivelmente por Julio de Vilhena, ao lado de quem, justamente apoiando, se sentava Matozo dos Santos;—um dos maiores adeptadores!

A liberdade liricamente declamada, vestida das roupagens do pri-

meiro e supremo amôr, numa assembleia politica sob o patroato, entre outros, de reacionarios como Pimentel Pinto, e grave o *pater Vilhena!*...

Mas peregrino, arrojado e importante o programa... dos chefes—não do partido.

Não ha ali uma palavra, uma linha, um termo;—nada;—bem preciso, bem claro, exatamente e rigorosamente definido.

São liberaes os regeneradores? Sim, nós queremos a liberdade dentro da ordem, um logar comum; e preconizamos uma ação forte e robusta de governo,—satisfação ao conservantismo ferrenho, meramente, ameaça. Liberaes? Liberdade? E os meios, leis, propozitos a tal tententes?

Não o disseram, não o frizaram; e eis o que tinha na emergencia—importancia.

Planos descentralistas, de independencia regional,—perfeitamente, nós somos descentralistas. Como, de que modo... não lhes lembrou!

Questão religioza—não lhe tocaram; questão operaria, e remedio aos males economicos, evidentemente, nós queremos o bem estar das classes desprotejidias...

Evidentemente, de facto, por seguro, nós sómos isto, e tambem não poderemos deixar de sêr aquilo;—como braços de uma balança que tendam ao equilibrio...

E é a um arrazoado sem uma unica idea definida e definitiva, categorica e formal, é a isso que se pode, admiravelmente, classificar de—*jogo de habilidades*—que Julio de Vilhena, pontificando, dá o rotulo de—Programa!

Dizem eles que a hora é de deciação e sinceridade e, maxmamente, uma e outra, não dão neles para nada mais!... E Julio de Vilhena é uma valioza e culta intelligencia, e haviam, na reunião, individualidades de indiscutivel merecimento e de real lucidez... Pois tamanho é o cáos em que barafustam que nos aparecem, na situação, como nulidades, ou como acrobatistas de feira.

São para lamentar—francamente

### A Cruzada

Não é a contra os grandes opres-

sores, financeiros, regulos, senhores, esta dos padres, agora.

E' a que se faz nos pulpitos contra os republicanos, um dia em Abrantes, outro em Mirandela; umas vezes sobre a forma de avizo religiozo, outras vezes pintando ao auditorio um cenario do inferno, no qual inferno arderiam imajens divinas, santas reliquias, e vidas, fazenda, honradez, castidade;—tudo assooprado e esbrazeante pela tenaz e a forja dos demonios republicanos.

Não se cansam nesta sua ardua missão os bons espiritos clericales, certos de que da sementeira de odios e falsidades alguma couza ha-verá que fique. Podiam, muito bem, engrolar as missas e os enterros sem se meterem a prognosticos politicos,—seria de bom avizo, e, acima de tudo, seria digno.

Mas pede-lhes o corpo folia e dança, e vá de, no Elogio dos Santos, meter sua bisca carnal a quem nem os incomoda, nem os injuria, nem os defrauda. Póde amanhã a tempestade vir a arrebatá-lo nessa colheita,—e não o permitam os anjos nem S. Tiago, e póde, ás vezes, a um ou outro tratá-lo condovelmente.

Póde esse sêr inocente e sofrer o pezo dos males alheios, pois nem todos vociferam do pulpito e nem todos cagam-tintas na redacção de um Petardo. Mas depois, de nada valem os anjos; nem os homens,—auxilio pratico, seguro,—e quem sofre, sofre. A bem da paz, no céu e na terra, nada se lucra com isso; mas quem tem a culpa está-se ralando, obcecadamente cego e violento. E pois então, visto que assim o querem deixem os fados cumprir se.

Não haverá uma hora de paz na face da Terra—dizia Cristo, nem nos Evangelhos; e é do gôsto da Santa Madre... que o entende a seu modo:—*pro domo sua*.

### Principios...

Disse o ministro do reino a um redactor do *Temps* que, o parlamento, tinha propozito de o abrir e viver com ele enquanto a sua ação não prejudicasse o governo. De contrario, e esgotada a paciencia, pediria a El-rei o remedio que nós,

livremente, mas acertando, traduziremos por o *exprevisso*:—dissolução.

E' uma habilidade rançoza á força de muito uzada, e é já mesmo uma indicação de valôr. Se o parlamento me não faz opozição séria deixo-o viver, pois facilmente e comodamente me arranjo, se a faz, se me impossibilita o exercicio das artes rejedoriascas, então questão de confiança ao monarca, dissolução, e uma ditadurazinha ou como ensaio, ou como *limpeza*. Ha varias e importantes questões que exjêm solução:—a que imponham as conveniencias, os intresses e a honra nacional. Supunhamos que o governo por incapacidade, por criminozos motivos, por baixos intresses, as propõe a uma rezolução indigna e lesiva.

Supunhamol-o (que—sem ofensa e maldinação—cazos desses são o prato certo todos os dias) e supunhamos, tambem, que no uzo de um dever o parlamento se opõe—embaraçando (não é por demais provavel) a que tal passe e tal, se execute...

Ahi temos o conflicto, a irreductibilidade de governo e de parlamento:—e ahi tem *justificada* (!!) a dissolução... e o resto. Era assim que em Portugal se governava até á noite do regicidio...

Passado um ano e pico, é assim que se governará, vivos os homens que assistiram de perto e de longe a *tudo aquilo*,—mas sem emenda possivel. E' bem o cumulo da desmemoria;—mas não ha nada mais portuguez...

### O Douro

Rejião de politicos celebres, ha quem lhe chame, nós damos-lhe o nome, mais exato embora dolorozo, de Rejião da Mizeria. Solo pobre, grantico, de climatologia aspera, tinha nos vinhedos o recurso para as necessidades da vida. Succede, porém, que por força de irremediaveis motivos os vinhos se vendem com enorme depreciação, e aconteceu lá o que, sempre, e em toda a parte acontece, serem os primeiros a aguentar a pancada os pobres de todo—os ganhões.

Abrem-se-lhe subscrições, merito

riamente louvaveis, e para elas chamamos as atenções e a bolsa dos nossos leitores que possam concorrer com a sua esmola para a broa e caldo da pobre jente.

E' horrorozo o que por lá vae, e está exjindo, não apenas o precario e efemero das subscrições publicas, mas acima de tudo o esforço consciante, seguro, energico, de homens fortes e novos que tornem ali, e em toda a parte, possiveis a abastança e a garantia do suor do rosto. E isto não é utopia! No Douro, como fóra, ha todo um mundo a refandir, a melhorar.

Mas não é para rejedores Campos Henriques, ou outros, a indispensavel tarefa.

### José Sampaio

Damos hoje, em editorial, um trecho do novo trabalho de Bruno—«A Dictadura». Leitura ensinativa, o notavel volume é d'aqueles em que se aprende;—e bem, e de todo o modo.

### Hay que destinguir...

Lamenta o Centro Comercial do Porto que se dê a prioridade a questões politicas, relegando a inferior plano assuntos de ordem economica e financeira. Justo, se quer o Centro significar que se deve, no Poder, atenção não, meramente, a tricas politicas; sim, especialmente e prevalecentemente, aos problemas nacionaes que estão pra'hi berrando cuidados, nesta boa terra de moucos.

Mas problema politico, e de urgencia e importancia como nenhum outro, temol-o nós adiando-se, na sua crize rezolutiva:—e sem esse finalizando numa solução coerente, não haverá possibilidade de se tratar a serio dos outros. E' o primario e essencial—*támem* sendo, e esse melhormente, um problema politico.—Ha pois de quê, e ha de não quê.

### A lei celerada

Dá-se, como informação oficial, a de que o governo pensa em substituir a lei de 13 de fevereiro. Subs-

## FOLHETIM

### João do Rio

## AS MARIPOZAS DO LUXO

Olha Maria...

E' verdade! Que bonito!

As duas raparigas curvam-se para a montra, com os olhos avidos, um vinco estranho nos labios.

Por traz do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas que apresentam pratos com bujigangas de fantasia e a fantasia policroma de coleções de leques, os desdobramentos das sedas, das plumas, das *guípures*, das rendas...

E' a hora indeciza em que o dia parece acabar e o movimento febril da rua do Ouvidor relaxa-se, de subito, como uma delirante a gosar os minutos de uma breve acalmia. Ainda não acenderam os combustores, ainda não ardem a sua luz galvanica os focos electricos.

Os relgios acabaram de bater, apressadamente, seis horas. Na arteria estreita cae a luz acinzentada das primeiras sombras—uma luz muito triste, de saudade e de magoa. Em algumas casas correm com fragor as cortinas de ferro. No alto, como o tecto custozo do beco interminavel, o ceo, de uma pureza admiravel, parecendo feito de esmaltes translucidos superpostos, rebrilha, como uma joia em que se tivessem fundido o azul de Napoles, o verde perverso de

Veneza, os oiros e as perolas do Oriente.

Já passaram as *professional beautics*, cujos nomes os jornaes citam; já voltaram da sua hora de costureiro ou de joalheiro as damas do alto tom; e os nomes condecorados da finança e os condes do Vaticano e os rapazes elegantes e os deliciosos vestidos claros airozamente ondulantes já se sumiram, levados pelos «autos» pelas parelhas fidalgas, pelos bondes burguezes. A rua tem de tudo isso uma vaga impressão, como se estivesse sob o dominio da alucinação, vendo passar um prestito que já passou. Ha um hiato na feira das vaidades: sem literatos, sem *poses*, sem *flirts*.

Passam apenas trabalhadores de volta da faina e operarias que mourejaram todo o dia.

Os operarios veem talvez mal arranjados, com a lata do almoço preza ao dedo minimo. Alguns veem de tamancos. Como são feios os operarios ao lado dos mocinhos bonitos de ainda ha pouco!

Vão conversando uns com os outros, ou calados, metidos com o proprio eu. As raparigas, ao contrario: veem devagar, muito devagar, quase sempre duas a duas, parando de montra em montra, olhando, discutindo, vendo.

Repara só, Jezuina...

Ah! Minha filha. Que lindol...

Ninguem as conhece e ninguem nelas repara, a não sêr um ou outro caixeiro em mal de amor ou algum picaro sacerdote de conquistas.

Elas, coitaditas! passam todos os dias a essa hora indeciza e

parecem sempre passaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar.

Que lhes destina no seu misterio a Vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição que é a mais facil das hipotезes; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos. Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre a sua quimera.

São mulheres. Apanham as migalhas da feira. São as anonimas, as fulanitas do gôsto, que não gosam nunca. E então, todo o dia, quando o ceo se rocalha de oiro e já andam os relgios pelas seis horas, haveis de vel-as passar, algumas loiras, outras morenas, quasi todas mestiças. A mocidade dá-lhes a elasticidade dos jestos, o jeito bonito do andar e essa beleza passageira que chamam—do diabo. Os vestidos são pobres: saias escuras, sempre as mesmas; bluzas de chitinha rala. Nos dias de chuva um paragua e a indefetivel pelerina. Mas essa miseria é limpa, escovada. As botas rebrilham, a saia não tem uma poeira, as mãos foram cuidadas.

Ha nos lobulos de algumas orelhas brincos simples, fechando as bluzas lavadinhas, broches «montana» d'onde escorre o fio de uma *châtelaine*.

Ha mesmo aneis, correntinhas de ouro, pedras que custam barato: coralinas, lapislazuli, turquezas falsas.

Quantos sacrificios essa limpeza não representa? Quantas concessões não atestam, talvez os modestos pechisbeques!

Elas acordaram cedo, foram trabalhar. Voltam para o lar sem

conforto, com todas as ardencias e os desejos indomaveis dos vinte anos.

A rua não lhes apresenta só o amôr, o namoro, o desvio... Apresenta-lhes o luxo. E cada montra é a hipnoze e cada *rayon* de modas é o foco em torno do qual reviravolteiam e anceiam as pobres maripozas.

—Ahi no fundo, aquele chapéu...

—O que tem uma pluma?

—Sim, uma pluma verde... Deve ser caro, não achas?

São duas raparigas ambas morenas.

A mais alta aliza instntivamente os bandós, sem chapéu, apenas com pentes de ouro falso. A montra reflete-lhe o perfil entre as plumas, as rendas de dentro; e, enquanto a outra afunda o olhar nos veludos que realçam toda a espectacularização do luxo, enquanto a outra sofre aquela tortura de Tantalos, ela mira-se, afina com as duas mãos a cintura, parece pensar couzas graves. Chegam, porém, mais duas. A pobreza feminina não gosta dos flagrantes de curiosidade invejoza. O par que chega por ultimo pára ezitante.

A rapariga alta agarra o braço da outra:

—Anda d'ahil Pareceas creança.

—Que veos, meina! que veos!...

—Vamos. Já escurece.

Páran, passos adeante, em frente ás enormes vitrinas de uma grande casa de modas. As montras estão todas de branco, de rosa, de azul; desdobram-se em sinfonias de côres suaves e claras, dessas côres que alegram a

alma. E os tecidos são todos leves—irlandas, *guípures*, *pongées*, rendas. Duas bonecas de tamanho natural—as deusas do «Chiffon» nos altares da Frivolidade—vestem com uma elegancia sem par; uma de branco, *robe Empire*; outra de rosa, com um chapéu cuja pluma negra deve custar talvez duzentos mil réis.

Quanta coisa! quanta coisa rica! Elas vão para a casa acanhada jantar, aturar as rabujices dos velhos, despir a bluzas de chita— a mesma que hão-de vestir amanhã... E estão tristes. São os passaros sombrios no caminho das tentações. Morde-lhes a alma a grande vontade de possuir, de ter o esplendor que se lhes nega na polidez espelhante dos vidros.

Porque pobres, se são bonitas, se nasceram tambem para gosar, para viver?...

Ha outros pares garrulos, alegres, doidivanas, que riem, apontam, esticam o dedo, comentam alto, divertem-se, talvez mais felizes e sempre mais acompanhadas.

O par alegre entontece diante de uma casa de flores, vendo as grandes *corbeilles*, o arranjo subtil das avencas, dos cravos, das angelicas, a graça ornamental dos copos de leite, o horror atraente das parasitas raras.

—Sessenta mil reis aquela cesta! Que caro! Não é para enterro, pois não?

—Aquilo é para as mezas. Olhe aquela florzinha. Só uma, por vinte mil réis.

—Você acha que comprem?

—Ora, pra essas moças... os homens são malucos.



